



# ENSINO MÉDIO NO BRASIL

▶ As experiências de gestão e as políticas públicas que dão certo em 35 escolas do Acre, Ceará, Paraná e São Paulo

EDIÇÃO ESPECIAL Nº 8



7 1893614 079707

JUNHO/2011 PROIBIDA A VENDA

UMA PUBLICAÇÃO



**ESTUDOS E PESQUISAS  
EDUCACIONAIS**

# Compromisso com o aprendizado

Pesquisa feita em 35 escolas de Ensino Médio mostra as práticas de gestão e as políticas públicas que são um sucesso

Altos índices de repetência, falta de professores especialistas, queda nas matrículas, desigualdade de acesso e mau desempenho nas avaliações nacionais e internacionais. O quadro atual do Ensino Médio no Brasil é bastante desanimador. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), esse segmento

é, ou deveria ser, uma etapa de consolidação da Educação Básica, para os alunos aprofundarem os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental e se preparar para o trabalho e a cidadania. Mas o que se vê nas escolas não é o que prevê a lei.

Considerando o aumento da população jovem no país e as mudanças do mundo globalizado – que exige trabalhadores cada vez mais qualificados –, era de esperar uma ebulição desse segmento e uma procura maior dos jovens pelos estudos. Porém os indicadores do Ensino Médio não confirmam essa hipótese. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 17,8% dos adolescentes entre 15 e 17 anos estão fora da escola – sendo que 40% deles por falta de interesse. E os que concluem o segmento saem muitas vezes sem condições de ingressar no Ensino Superior ou no mundo do trabalho.

A recente revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio em quatro eixos (Trabalho, Ciências, Tecnologia e Cultura) reforça a necessidade de haver uma boa formação seja qual for o caminho que o estudante optar por seguir.

Para Maria do Pilar Lacerda, secretária de Educação Básica do MEC, o ideal é o jovem ter autonomia de escolha: “A formação deve prepará-lo para qualquer carreira” (leia a entrevista da página 16).

Essas ideias ainda não são uma realidade no país, mas algumas redes e escolas públi-

## Quem foi entrevistado

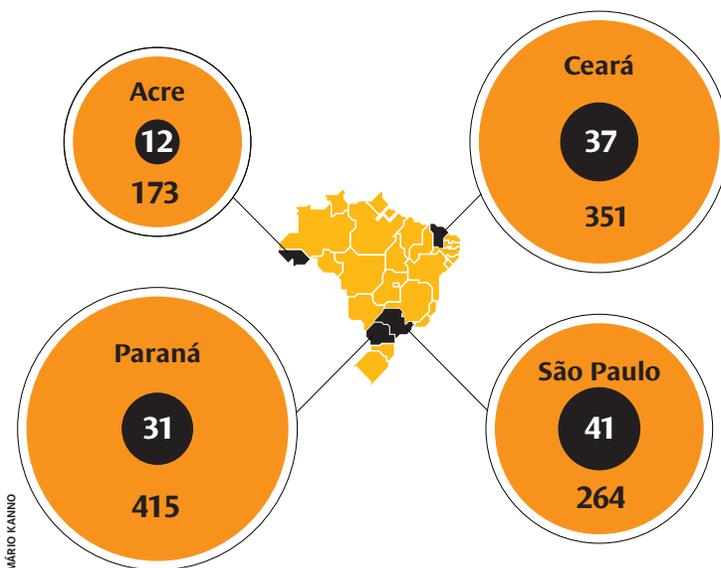
O estudo realizou questionários e entrevistas, individuais e coletivas, com profissionais das Secretarias e escolas



**Pessoas das escolas**  
Equipe gestora, docentes e alunos do 3º ano



**Técnicos da Secretaria**  
Secretários de Educação, dirigentes regionais e supervisores



MÁRIO KANNO

cas têm obtido melhorias. É o que mostra a pesquisa *Melhores Práticas em Escolas de Ensino Médio*, feita em 2009 pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a pedido do Ministério de Educação (MEC).

O estudo teve como objetivo identificar os fatores relacionados à efetividade de determinadas escolas na formação dos jovens, analisar as principais medidas para o Ensino Médio em quatro Secretarias estaduais de Educação – Acre, Ceará, Paraná e São Paulo – e observar a articulação dessas ações com as políticas federais.

Foram selecionadas 35 instituições que tinham baixas taxas de evasão e repetência e bons resultados nas avaliações externas. A escolha se baseou na metodologia do efeito escola – modelo que permite detectar quanto o ambiente de ensino (aí incluídas práticas de gestão e de sala de aula e eliminados fatores sociais, culturais e econômicos) contribui para a aprendizagem dos alunos. A pesquisa, feita em parceria com a Fundação Carlos Chagas (FCC) e o Instituto Protagonistés, ambos de São Paulo, consistiu na realização de questionários e entrevistas individuais e em grupos com profissionais das Secretarias e com as equipes gestoras, professores e estudantes.

### Escolas priorizam competências e habilidades

O diferencial dessas instituições, segundo o estudo, está na qualidade do trabalho pedagógico realizado, constatado em oito

práticas consideradas determinantes para a melhoria da Educação. São elas: foco na aprendizagem, expectativas elevadas de desempenho dos alunos, senso de responsabilidade profissional dos docentes, trabalho em equipe e lideranças reconhecidas, preservação e otimização do tempo escolar, normas de convivência claras, aceitas e incorporadas à dinâmica da escola, clima harmonioso e autonomia e criatividade por parte da equipe gestora.

“As escolas pesquisadas elegeram alguns pontos importantes para trabalhar e atuaram sobre eles de forma sistêmica, criando um círculo virtuoso que se retroalimenta”, afirma Marcelo Pérez Alfaro, especialista sênior em Educação do BID e um dos coordenadores do estudo (*mais sobre as práticas eficazes na reportagem da página 4*).

O trabalho mostra haver semelhanças nas políticas públicas dos quatro estados com o objetivo de atingir as metas propostas no âmbito nacional. Nesses locais, as redes dão atenção especial à capacitação profissional, aos resultados das avaliações externas, à oferta de um currículo unificado – mas que atenda às necessidades de ensino – e à diversificação curricular (*leia mais na reportagem da página 12*). “Ainda são poucas as redes que têm um alinhamento entre o currículo, o trabalho docente e as avaliações. Porém é o que fazem as quatro pesquisadas”, diz Carlos Alberto Herran, especialista líder em Educação do BID e coordenador do estudo. ◆



Fundador: VICTOR CIVITA  
(1907-1990)

Presidente: Roberto Civita  
Diretora Executiva: Angela Dannemann  
Conselheiros: Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita,  
Victor Civita, Roberta Anamaria Civita,  
Maria Alice Setubal, Claudio de Moura Castro,  
Jorge Gerdau Johannpeter, José Augusto Pinto Moreira,  
Manoel Amorim e Marcos Magalhães

#### EDIÇÃO ESPECIAL “ENSINO MÉDIO NO BRASIL”

Diretor de Redação: Gabriel Pillar Grossi Diretora de Arte: Manuela Novais  
Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa Editora: Paola Gentile  
Editora assistente: Verônica Praidenaich Editora de arte: Renata Borges  
Repórteres: Anderson Moço e Elisângela Fernandes  
Colaboraram nesta edição: Aurélio Amaral (repórter) e Paulo Kaiser (revisão)  
Gerente de Projetos: Mauro Morellato  
Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes  
Processos Gráficos: Vitor Nogueira

A edição especial “ENSINO MÉDIO NO BRASIL” é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita, (estudosepesquisas@fvc.org.br).

IMPRESSA NA MUNDO DIGITAL GRÁFICA E EDITORA LTDA  
Av. Av Juscelino K. de Oliveira n° 910/ Distrito Industrial Santa Barbara do Oeste



FOTO DA CAPA: GUSTAVO LOURENÇÃO

# 8 práticas eficazes que dão certo nas escolas

Para garantir boas notas no Ideb e baixa evasão, o caminho é focar a aprendizagem e ter confiança no êxito dos alunos

**M**anter os estudantes do Ensino Médio interessados nas aulas, diminuir os índices de reprovação e evitar que abandonem a escola não é tarefa fácil. Sem falar que é preciso dar subsídios para que escolham com segurança um caminho para trilhar no futuro, garantir que tenham uma boa relação com o trabalho e saibam viver em sociedade. A pesquisa *Melhores Práticas em Escolas de Ensino Médio* detectou oito ações que ajudam as instituições a atingir esses objetivos (*saiba quais são e como elas se desenvolvem nos quadros desta e das próximas páginas*).

As 35 unidades selecionadas para o estudo não se diferenciam da média das demais instituições da rede à qual pertencem (estaduais de Acre, Ceará, Paraná e São Paulo) em relação a infraestrutura, equipamentos, computadores, acesso à internet, biblioteca, livros e materiais didáticos, merenda, modalidades de ensino atendidas e número de alunos por sala. Contudo, elas se destacam por ter baixa porcentagem de evasão e repetência e resultados satisfatórios nas avaliações nacionais e estaduais – indicadores que podem ser atribuídos ao trabalho de gestão e dos professores.

Para chegar a essas escolas, os pesquisadores procuraram responder às seguintes questões: o que fazem os educadores para agregar valor aos conteúdos ensinados e

quais fatores garantem a obtenção de um desempenho além do esperado?

De maneira geral, a aprendizagem é o foco comum nessas instituições – ou seja, as iniciativas empreendidas pelas equipes gestora e docente são voltadas para o sucesso dos jovens nos estudos.



## 1 FOCO NA APRENDIZAGEM

**O QUE É** Pensar na melhoria do desempenho dos alunos como norteadora de todos os projetos e decisões da equipe escolar.

**COMO IDENTIFICAR** A aquisição do conhecimento deve ser priorizada pela escola, reforçando seu papel de educadora e, ao mesmo tempo, investindo na divulgação da imagem de que é um local onde se aprende de fato. Dessa forma, alunos, professores e funcionários se empenham em atingir os resultados esperados. Nas instituições pesquisadas, 99% dos professores afirmam considerar as necessidades de aprendizagem da turma no planejamento das aulas e 98% trocam ideias entre si antes de elaborar atividades didáticas.

Percebe-se também a atuação dos coordenadores pedagógicos, que apoiam e orientam o trabalho docente. As avaliações internas e externas servem para detectar os conteúdos que necessitam de reforço.

**ONDE É REALIDADE** Na EE Santiago Dantas, na zona rural de Rio Branco, a taxa de aprovação da escola é de 98,7% (e a de evasão, 0,6%). Os alunos com desempenho abaixo do esperado são convidados a participar de aulas de reforço uma vez por semana, no contraturno. A educadora responsável planeja esses encontros juntamente com os professores das turmas regulares. Há também a preocupação em envolver os pais: “Explicamos a eles a importância de os filhos participarem dessas aulas, mesmo os que moram longe e precisam pegar barco ou ônibus”, explica o diretor, Carlos Augusto de Andrade Barbosa. Kathyellen Casimiro da Silva, 17 anos, é uma das que já frequentam as aulas de reforço. “A professora me orienta nas tarefas de casa e minhas notas melhoraram muito”, lembra a jovem, que está no 3º ano. A escola também oferece curso preparatório para o vestibular desde 2008, no contraturno. Os professores focam os conteúdos cobrados no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e no vestibular da Universidade Federal do Acre (UFAC). Em 2010, 12 dos 45 alunos do 3º ano conseguiram uma vaga nessa universidade. ▶



Na EE Santiago Dantas, na zona rural de Rio Branco, os jovens contam com aulas de reforço e cursinho preparatório para o vestibular, ambos no contraturno

MARINA PIEDADE

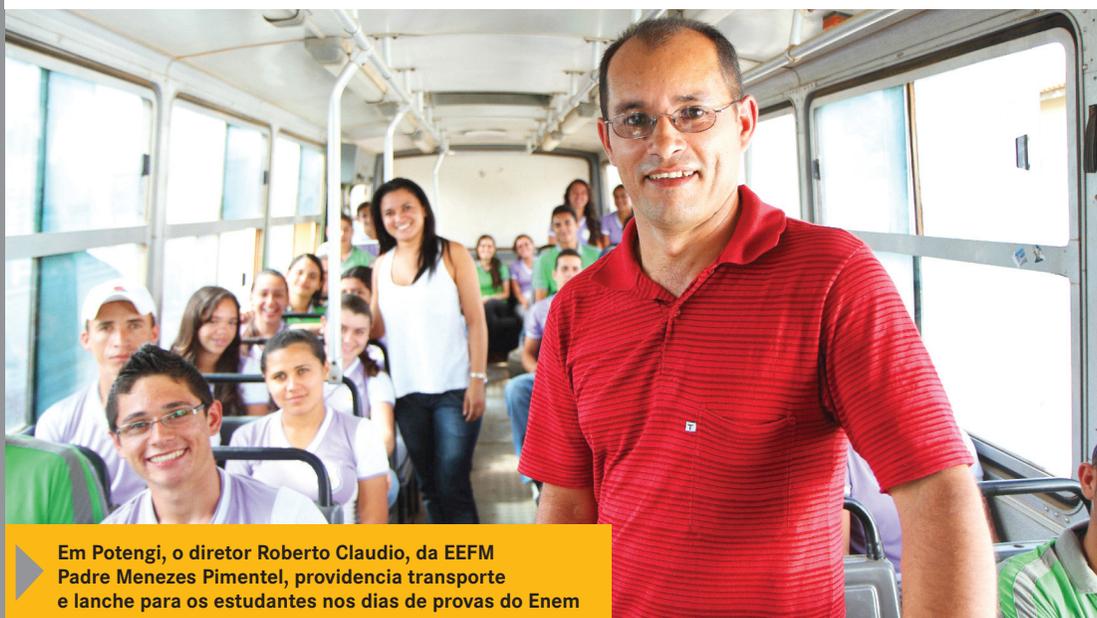
## 2 EXPECTATIVA ELEVADA NO DESEMPENHO DOS ALUNOS

**O QUE É** Fazer com que diretores, professores e funcionários acreditem na capacidade de aprender dos estudantes e exijam o melhor deles.

**COMO IDENTIFICAR** Construir expectativas elevadas em relação ao desempenho dos estudantes é possível quando a instituição acredita na própria competência de educar. Por isso, torna-se mais exigente com os alunos e dissemina a convicção de que todos podem aprender. A equipe gestora conhece as necessidades de aprendizagem e assume a responsabilidade pelo sucesso ou pelas dificuldades dos estudantes. Fatores externos – como constituição familiar e nível socioeconômico – não são considerados determinantes nesse trabalho. Já o envolvimento dos pais é enfatizado como um aspecto essencial para atingir os objetivos.

**ONDE É REALIDADE** Na EEFM Padre Menezes Pimentel, em Potengi, a 485 quilômetros de

Fortaleza, todos os alunos são de famílias humildes e moram longe da escola, mas nem por isso deixam de frequentar as aulas assiduamente. A equipe gestora acompanha de perto a lista de presença e as notas e mantém um diálogo muito próximo com os pais. “Respeitamos a dedicação e a vontade de mudar de vida desses estudantes e acreditamos no potencial que eles têm”, afirma o diretor, Roberto Claudio Bento da Silva. A importância de concluir o Ensino Médio é disseminada na escola como uma forma de atender melhor às exigências do mercado de trabalho e aumentar as chances de quem presta vestibular ou concurso público. Para que ninguém falte ao Enem, a direção disponibiliza transporte e lanche. “Só sossego quando meus alunos entram na sala da prova”, conta o diretor, que acompanha pessoalmente os estudantes no dia do exame.



Em Potengi, o diretor Roberto Claudio, da EEFM Padre Menezes Pimentel, providencia transporte e lanche para os estudantes nos dias de provas do Enem

RAONI MADDALENA

### 3 ALTO SENSO DE RESPONSABILIDADE



MARCELO ALMEIDA

A realização de grupos de estudos tem contribuído para melhorar o desempenho dos alunos no CE de Educação Profissional Sudoeste do Paraná, em Francisco Beltrão

**O QUE É** Levar os professores a assumir o compromisso pelo sucesso dos alunos e buscar o aperfeiçoamento constantemente.

**COMO IDENTIFICAR** O investimento na formação continuada e no alinhamento de toda a equipe em torno do projeto político-pedagógico é um fator que influencia diretamente a qualidade do ensino. Os docentes se sentem seguros para garantir que os jovens tenham uma passagem bem-sucedida pela escola e são reconhecidos por isso: 92% dos estudantes das unidades pesquisadas confirmam a boa atuação dos educadores. No Acre e no Paraná, mais de 50% dos alunos apontam o comprometimento, a qualificação, a estabilidade e a dedicação dos professores como responsáveis por seu sucesso escolar.

**ONDE É REALIDADE** No CE de Educação Profissional Sudoeste do Paraná, em Francisco Beltrão, a 490 quilômetros de Curitiba, o trabalho pedagógico é feito de forma articulada. A escola tem o Ensino Médio

Integrado, com curso técnico em agropecuária, e funciona em período integral. A maior parte dos alunos estuda em sistema de internato, o que favorece a integração da equipe e o acompanhamento dos estudantes. Para discutir os problemas de sala de aula, os professores contam com as reuniões pedagógicas, realizadas a cada dois meses, os conselhos de classe e a hora-atividade – momento em que o docente se dedica ao preparo das aulas e recebe atendimento individualizado do coordenador. “Se eles querem oferecer recuperação ou retomar um conteúdo já trabalhado, discutimos juntos a melhor maneira de viabilizar isso”, diz Sandra Bonet, pedagoga da escola. No período noturno, além de oficinas de Arte e Música, são promovidos grupos de estudos, em que os jovens com dificuldades em determinadas disciplinas se reúnem e são acompanhados por um pedagogo. As baixas taxas de evasão e reprovação, de 0,5 e 5%, respectivamente, revelam o esforço pela melhoria da Educação. ▶

## 4 TRABALHO EM EQUIPE E LIDERANÇAS RECONHECIDAS

**O QUE É** Diretores e coordenadores envolvem os professores e funcionários nas decisões e são reconhecidos como líderes.

**COMO IDENTIFICAR** Ao assegurar a estrutura e organização necessárias à aprendizagem, os gestores ganham o respeito da equipe. A maioria dos professores (90%) julga ótimo o trabalho do coordenador pedagógico e acredita (98%) que a atuação desse profissional tem impacto direto no próprio desempenho. Há congruência entre as metas de ensino e os projetos realizados, que são periodicamente avaliados e revistos pela equipe, sempre que necessário. A configuração do horário de trabalho pedagógico coletivo varia segundo as políticas dos estados investigados, mas, em todas as escolas, há a preocupação de promover debates entre os docentes e a equipe gestora de olho no aperfeiçoamento profissional.

**ONDE É REALIDADE** Na EE José Ribamar Batista, na periferia de Rio Branco, o diretor e os três coordenadores – o de ensino, o pedagógico e o administrativo – cuidam para manter a rotina de planejamento e acompanhamento das aulas. A formação continuada é realizada semanalmente para promover a troca de experiências entre os docentes, discutir as dificuldades dos alunos e analisar se os planos de aula estão de acordo com o projeto político-pedagógico. A coordenadora pedagógica, Milyene de Brito Amorim, costuma observar as aulas e anotar, em um formulário padronizado, aspectos relacionados à metodologia e às estratégias utilizadas. Periodicamente, ela dá um feedback a cada professor, em reuniões individuais, sobre as práticas que são eficientes e o que pode melhorar. “Os alunos reclamam se a aula não é boa e, muitas vezes, vão falar com os docentes”, comenta Milyene.



A escolha conjunta de livros didáticos é uma das ações de parceria entre docentes e coordenadores pedagógicos na EE José Ribamar Batista, em Rio Branco

MARINA PIEDADE

## 5 PRESERVAÇÃO E OTIMIZAÇÃO DO TEMPO ESCOLAR



Na EE Nícia Fabíola Girdi, em Sertãozinho, que tem salas ambiente, o líder de classe entrega o controle de presença à professora para aproveitar melhor o tempo

**O QUE É** Organizar a rotina para que os momentos em que o aluno está na escola sejam usados para a aprendizagem.

**COMO IDENTIFICAR** Nas unidades de ensino que têm essa preocupação, há um bom planejamento de todas as ações para que o tempo que o aluno passa em sala de aula seja bem utilizado e não haja interrupções. A direção conversa com os docentes para conscientizá-los dos prejuízos que podem ser causados quando eles faltam ou usam o horário de aula de maneira equivocada. A equipe gestora também solicita que todos elaborem atividades que possam ser utilizadas pelos colegas em caso de ausência. Quanto aos jovens, há oportunidade de eles se envolverem em projetos de esportes, Ciências e Arte.

**ONDE É REALIDADE** A EE Nícia Fabíola Girdi, em Sertãozinho, a 340 quilômetros

de São Paulo, é organizada em salas ambiente. Para não desperdiçar tempo durante as trocas de salas, os gestores criaram a função de líder de classe: um aluno, eleito pelos colegas, é responsável por fechar a sala quando a aula termina e entregar a pasta de controle de presença ao professor da disciplina seguinte. O uso coletivo do registro de frequência permite que, ao fazer a chamada, o docente perceba se o aluno ausente estava na aula anterior. Quando uma falta é notada, o inspetor é acionado para ajudar a localizar o estudante. Um intervalo de cinco minutos entre uma aula e outra (que não existia anteriormente) agora evita os pedidos constantes para ir ao banheiro e beber água durante as explicações dos professores. “Sem tantas interrupções, o ritmo flui melhor e os alunos ficam menos dispersos”, explica Simone Bisson, coordenadora pedagógica. ▶

## 6 NORMAS DE CONVIVÊNCIA



FERNANDA PRETOA

Professores e alunos que não cumprem as regras da escola, como a pontualidade, sofrem punições na EE Maria da Conceição Moura Branco, em São Caetano

**O QUE É** Criar regras de relacionamento que orientem a maneira como todos devem proceder nas mais diversas situações.

**COMO IDENTIFICAR** Fazer com que a comunidade se envolva na elaboração de um código de conduta que expresse os valores da escola garante que ele seja aceito e incorporado à rotina, pois todos vão se sentir comprometidos e atuarão segundo os procedimentos combinados.

**ONDE É REALIDADE** Na EE Maria da Conceição Moura Branco, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo, as leis de convivência servem para todos. Os professores, quando faltam sem justificativa, são descontados na folha de pagamento. Já os estudantes têm retida a caderneta de presença até que os pais compareçam à escola para conversar sobre a importância da pontualidade. Na sala de aula, é proibido usar aparelhos eletrônicos e bonés. Sônia Regina Guerra, diretora da escola, conta que os alunos e as famílias participam da elaboração das normas. “Quando é preciso, discutimos mudanças com o grupo”, diz Sônia.

## 7 CLIMA HARMONIOSO

**O QUE É** Fazer da escola um lugar agradável para aprender e ensinar, com atenção a itens que vão da limpeza às relações interpessoais.

**COMO IDENTIFICAR** Ter uma infraestrutura adequada e manter a área limpa e organizada é uma forma de receber bem os estudantes, professores e funcionários e tornar o ambiente de trabalho mais propício à aprendizagem. Zelar por aspectos como a boa circulação entre os ambientes e a manutenção de áreas verdes desestimula ações de sujeira e pichações – e impõe respeito.



Oficinas de Arte e aulas de Língua Estrangeira são alguns dos projetos curriculares que se tornaram cursos de extensão comunitária no CE do Paraná, em Curitiba

**ONDE É REALIDADE** Na EEFM Antônio Vidal Malveira, em Tabuleiro do Norte, a 211 quilômetros de Fortaleza, alunos e educadores frequentam a escola também fora do período de aula. Muitos chegam uma ou duas horas antes para conversar, usar a sala de informática ou jogar xadrez. “O ambiente receptivo e as atividades oferecidas fazem com que sejamos também o centro cultural da comunidade”, explica o diretor, Claudenor Anselmo da Silva. Para promover o debate sobre o clima escolar, alunos são estimulados a comentar, por meio de uma urna, temas como o comportamento dos colegas e as estratégias de ensino.



RAONI MADDALENA

Uma urna estimula o debate entre alunos e docentes da EEFM Antônio Vidal Malveira, em Tabuleiro do Norte. A escola também funciona como um centro cultural

## 8 AUTONOMIA E CRIATIVIDADE DA EQUIPE GESTORA

**O QUE É** Ter iniciativa e desenvolver projetos próprios para ganhar independência na resolução dos problemas do dia a dia.

**COMO IDENTIFICAR** Existe um clima propício à elaboração de propostas pedagógicas diferentes, que sejam articuladas às demandas específicas da escola. Muitas vezes, elas surgem de atividades já existentes na instituição que não são, necessariamente, inovadoras, mas fazem parte da rotina e representam um benefício ao trabalho educacional como um todo. Políticas e diretrizes do governo costumam ser adaptadas às realidades locais e, por vezes, recriadas.

**ONDE É REALIDADE** O CE do Paraná, em Curitiba, atende 5 mil alunos do Ensino Fundamental e do Médio, regular e integrado, e é uma referência na cidade. Existe há 165

anos, num prédio de três andares, que além das salas de aula conta com oficina de Arte, biblioteca, laboratórios, quadra esportiva e planetário – além de um observatório astronômico, localizado em outro bairro. Diversos projetos curriculares e de extensão comunitária funcionam ali. Um deles é o Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (Celem), que oferece aulas para os estudantes e moradores da capital e foi adotado pela rede de ensino como modelo a ser implantado em diversas escolas do estado. Já o projeto Sedução Poética é interdisciplinar e promove a literatura e a poesia. Qualquer nova iniciativa é bem-vinda e, antes de ser adotada, é discutida entre gestores, pedagogos e professores. “Avaliamos que benefícios a atividade trará para os alunos e a comunidade. Todo trabalho aqui tem uma função social que extrapola os limites da escola”, explica a diretora, Tânia Maria Acco.



MARCELO ALMEIDA

# 4 estratégias testadas e aprovadas nas redes

Conheças os principais pilares que deveriam estruturar a atuação de todas as Secretarias de Educação

Uma análise das políticas públicas para o Ensino Médio nos últimos 15 anos mostra como é difícil implantar e consolidar mudanças significativas em sistemas educacionais complexos. Os indicadores de qualidade pouco melhoraram, apesar dos investimentos do governo no setor; como a recente reforma curricular, os projetos de formação para docentes, a adesão a avaliações externas e o repasse para livros didáticos, merenda e transporte escolar.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que considera o fluxo escolar e o desempenho dos alunos em Língua Portuguesa e Matemática, por exemplo, passou de 3,4 em 2005 para 3,6 em 2009 em turmas do 3º ano do Ensino Médio – um avanço tímido quando se sabe que 6 é o valor aceito por padrões internacionais.

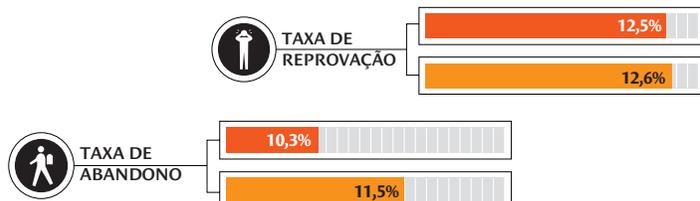
Na tentativa de propor medidas eficazes para a última etapa da Educação Básica, a pesquisa feita pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) levantou pro-

postas realizadas com êxito em quatro redes estaduais. Observou-se haver em São Paulo, no Acre, no Ceará e no Paraná uma convergência de ações apoiadas em quatro pilares: uma base curricular comum, articulada com os materiais didáticos de apoio e as aulas de reforço e recuperação; a diversificação curricular, ao ofertar o Ensino Médio regular e cursos técnicos profissionalizantes; a formação docente e dos gestores; e o uso dos resultados das avaliações externas para definir metas e projetos.

Além de detectar essas políticas nos quatro estados, o relatório sugere investir em outros fatores que podem levar a uma mudança de cenário. Por exemplo, a importância de modificar o papel dos órgãos intermediários das Secretarias de Educação (diretorias de ensino ou equivalentes), para que priorizem o apoio pedagógico, em vez da fiscalização burocrática, e favorecer a comunicação e a troca de experiências entre eles e as escolas e dessas entre si.

O estudo também indica a necessidade de organizar melhor as redes e seus profissionais e investir na formação das equipes escolares *in loco* – no lugar das ações centralizadas e da abordagem de conteúdos padronizados, que pouco permitem trabalhar as deficiências de cada realidade. Leia, a seguir, como essas políticas são executadas nos quatro estados analisados.

## Ensino Médio no Brasil\* ● 2010 ● 2009



\*Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)

MARIO KANNO

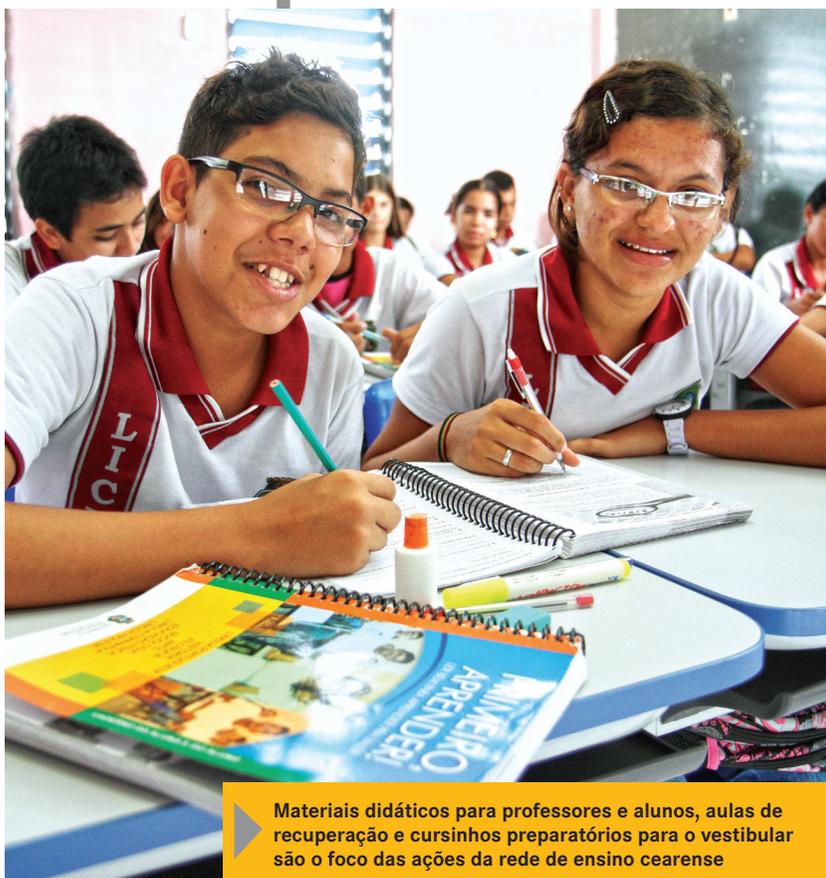
## 1 BASE CURRICULAR COMUM

**POR QUE É IMPORTANTE** Ter um currículo comum que sirva de referência para as escolas prepararem suas propostas pedagógicas é essencial para garantir ações, metas e objetivos em comum. Os estados do Acre, do Ceará e de São Paulo oferecem um material norteador, baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). A divisão é feita por áreas (Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias), ainda que organizada por disciplinas. No Paraná, o currículo é focado nos conteúdos disciplinares. A pesquisa ressalta que o parâmetro nacional é relevante desde que

as redes tenham autonomia para adequar o currículo à realidade local e assegurar a diversidade regional. O programa federal Ensino Médio Inovador, lançado em 2009, destina 20% do conteúdo às disciplinas e atividades optativas. Porém observou-se que o grande número de temas obrigatórios torna inviável a flexibilização. A necessidade de haver coerência entre a proposta curricular e os materiais didáticos é outro aspecto para o qual o estudo chama a atenção. As Secretarias de Educação analisadas têm como política adquirir e distribuir obras das disciplinas não contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), inclusive materiais de apoio às atividades em sala de aula.

### COMO FUNCIONA NO CEARÁ

Todas as escolas da rede estadual recebem o Caderno do Professor, com orientações didáticas e metodológicas, mais os Cadernos do Aluno, para todas as disciplinas. Também existe um projeto de recuperação chamado Primeiro Aprender, para os jovens do 1º ano do Ensino Médio com defasagem de aprendizagem – justamente os que tendem a abandonar os estudos. “Ao não entender textos simples, muitos perdem o interesse pelas aulas. O objetivo é que eles adquiram autonomia na leitura”, diz Rogers Vasconcelos Mendes, da Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem (Codea) do Ceará. O estado também oferece um curso preparatório para o vestibular, o Prevest, que fornece material didático e apostilas com questões do Enem. ▶



RAONI MADDALENA

▶ Materiais didáticos para professores e alunos, aulas de recuperação e cursinhos preparatórios para o vestibular são o foco das ações da rede de ensino cearense

## 2 CURRÍCULO VARIADO



EUCILENE FERREIRA DE LIMA

Escolas como a Tamã Kayã, na terra indígena Campinas/Katukina, em Cruzeiro do Sul, no Acre, procuram contemplar assuntos da cultura local no currículo

**POR QUE É IMPORTANTE** A diversificação de conteúdos visa garantir ao jovem uma boa formação e a inserção no mundo do trabalho. Para isso, o governo federal criou programas técnicos profissionalizantes e tem repensado o Ensino Médio, que hoje funciona em quatro modelos: o sistema regular, cujo currículo é dividido por áreas de conhecimento; o integrado, que soma disciplinas técnicas ao currículo tradicional; o concomitante, no qual o profissional e o regular são trabalhados ao mesmo tempo; e o subsequente, que inclui um ano de formação profissional após o regular. Ceará e Paraná têm o modelo integrado. Já São Paulo usa cursos de capacitação terceirizados.

**COMO FUNCIONA NO ACRE** O estado tem o curso técnico subsequente e procura abranger as comunidades isoladas com o programa Asas da Florestania, que atende a segunda fase do Fundamental e o Ensino Médio. Além disso, nas 36 terras indígenas, os projetos pedagógicos são discutidos com a comunidade, visando contemplar a cultura local no currículo. A oferta é para a primeira etapa do Fundamental e a quatro terras que têm o Ensino Médio.

## 3 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

**POR QUE É IMPORTANTE** O aprimoramento do quadro docente é condição básica para o bom desempenho. Embora seja consenso entre especialistas que as redes de ensino devem oferecer aos educadores programas voltados ao domínio de conteúdos teóricos, às didáticas e a estudos e reflexões vinculados à prática pedagógica, poucas políticas públicas respondem a essa expectativa. Ainda assim, observa-se nos estados analisados o investimento na formação. São Paulo tem uma proposta de capacitação a distância, realizada por meio de cursos que usam a tecnologia de vídeo e teleconferências. No Acre, os professores têm atividades de planejamento, grupos de estudo e reuniões de formação em serviço. No Ceará, as regionais de ensino fazem encontros com as escolas para analisar os resultados dos exames.



O Saresp é aplicado em todo o estado paulista e serve de referência para que as secretarias de Educação e as escolas trabalhem as deficiências apontadas nas provas

**COMO FUNCIONA NO PARANÁ** Para descentralizar as ações, a Secretaria de Educação estadual criou 32 Núcleos Regionais de Ensino, que fornecem orientação e acompanhamento às equipes gestora e docente – como ocorre nas oficinas para discutir as demandas de cada instituição. A construção das diretrizes curriculares do estado, feita em conjunto com os professores, ajuda a difundir o currículo e, ao mesmo tempo, capacitar os profissionais. Outra iniciativa é o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), realizado em convênio com uma universidade, cuja presença vale pontos na progressão da carreira. “As ações existem para dar boa formação aos gestores, diminuir a rotatividade docente e envolver a comunidade”, diz Meroujy Cavet, superintendente de Educação do estado.



MARCELO ALMEIDA

Técnicos dos Núcleos Regionais de Ensino paranaense visitam as escolas e promovem oficinas para discutir temas como o Plano Nacional de Educação (PNE)

## 4 AVALIAÇÕES EXTERNAS

**POR QUE É IMPORTANTE** A avaliação externa é um instrumento essencial no planejamento das políticas educacionais. Nos últimos 15 anos, o Brasil implantou e vem aprimorando os sistemas de avaliação, fazendo com que os resultados desses exames orientem decisões estratégicas e ações que levem à melhoria do ensino e da aprendizagem escolar. O Paraná se vale das provas federais – como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) –, enquanto o Acre faz, desde 2008, uma iniciativa própria semelhante à nacional. São Paulo e Ceará têm modelos exclusivos consolidados, cujas matrizes seguem as diretrizes curriculares locais alinhadas com as do Saeb.

**COMO FUNCIONA EM SÃO PAULO** A rede estadual criou o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), que foi reformulado em 2007 para que os resultados pudessem ser comparados com os dos exames do MEC. “O raio X feito pela avaliação, hoje, permite a cada escola identificar os problemas de ensino e corrigi-los por meio dos relatórios enviados por correio. Fora isso, temos o Dia do Saresp, no qual as equipes gestora e docente discutem os desempenhos obtidos para refazer o planejamento”, diz João Cardoso Palma Filho, secretário adjunto de Educação.



ANDERSON SCHNEIDER

MARIA DO PILAR LACERDA

# O ensino deve ser transformador

A secretária de Educação Básica do MEC quer maiores chances de escolha para os jovens

**O**ferecer uma formação de qualidade no Ensino Médio para que o aluno possa eleger uma carreira, independentemente de seu nível social, é a política do Ministério da Educação (MEC), como explica a secretária de Educação Básica, Maria do Pilar Lacerda, na entrevista a seguir:

**A pesquisa do BID detectou que o bom desempenho das escolas está atrelado a uma gestão que adapte as diretrizes nacionais às especificidades locais. As ações do governo atendem a essa proposta?**

**MARIA DO PILAR LACERDA** A recente revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais admite que a escola, apoiada em uma base única, fortaleça seu projeto político-pedagógico, considerando as características socioculturais dos alunos. O lugar em que se aprende deve ser transformador e significativo para o jovem. Por isso, pensamos em conteúdos que sejam articulados pelos eixos Trabalho, Cultura, Ciência e Tecnologia.

**Especialistas dizem que o grande número de disciplinas obrigatórias dificulta a flexibilização. Como torná-la realidade?**

**MARIA DO PILAR** Com as diretrizes implantadas, surgirão condições mais propícias para projetos pedagógicos diversificados e consistentes. Prova disso é o programa Ensino Médio Inovador, que serviu de base para as diretrizes e teve adesão de 17 estados e do

Distrito Federal. O programa prevê cinco horas diárias de aula e 20% do currículo para atividades e disciplinas optativas. Na Bahia, por exemplo, já houve melhoras nos índices de aprovação e evasão.

**O estudo também sugere investir na formação dos educadores. As capacitações existentes atendem a essa proposta?**

**MARIA DO PILAR** A Plataforma Freire é dirigida à formação inicial e continuada dos professores. O Mais Educação oferece formação inicial e especialização docente. A Escola de Gestor, focada nos diretores, é realizada com universidades conveniadas. Há ainda ações como os cursos para pedagogos e o Programa de Apoio aos Dirigentes Municipais de Educação (Pradime).

**A formação no Ensino Médio deve ser voltada para o mercado de trabalho ou para o acesso ao Ensino Superior?**

**MARIA DO PILAR** Queremos quebrar a ideia de que o Ensino Técnico é para os pobres e, o Superior, para os ricos. O futuro do jovem não pode ser imposto pela desigualdade social existente no Brasil. A oferta tem de permitir que o aluno faça um curso técnico de construção civil, por exemplo, preste o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) e se candidate a uma graduação. Quanto mais possibilidades de escolha, maior a autonomia do jovem. ◆